

# **Recuperação? Os empresários ainda não acreditam.**

Ainda não é possível falar em recuperação da economia. A política recessiva do ministro Delfim Neto permanece em pleno vigor, com juros elevados e salários reajustados abaixo de uma inflação que ainda sobe à razão de 10% ao mês. O comportamento positivo da indústria paulista refere-se a um período muito curto e reflete apenas a evolução de alguns setores, beneficiados pelas exportações, ou mostra a variação percentual sobre um ano extremamente desfavorável, como acontece com a indústria de tratores em relação a 1983.

Esta opinião, manifestada ontem por empresários de diferentes Estados, afasta assim a hipótese de que o crescimento de 4,3% anotado pela Fiesp para janeiro (o percentual cai para 0,7%, se excluído o item energia, cujo grande crescimento é explicado pela substituição dos derivados de petróleo) possa ser considerado como uma tendência.

Ao sair de uma audiência com Delfim ontem em Brasília, o presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, Laerte Setúbal, observou: "O consumidor interno continuará impedido de aumentar suas compras enquanto a relação salário/inflação permanecer desfavorável ao assalariado. A persistir este quadro, ele terá cada vez menos dinheiro para aumentar a sua lista de compras".

Mesmo o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, que se mostra bastante otimista, só prevê um pequeno crescimento da economia para 1985. Mas isto depende, disse ele, do comportamento dos juros que, por sua vez, estão atrelados às taxas externas, por causa da dívida. No entanto, as estimativas mais recentes apontam para um aumento das taxas externas. Além disso, o Fundo Monetário Internacional exige que o governo mantenha juros reais positivos.

## **Descrença**

Nem o presidente em exercício da Federação das Indústrias (Fiergs), Dagoberto Lima Godói, nem o titular da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Federasul), César Rogério Valente, demonstraram otimismo com o desempenho da indústria paulista.

— O que podemos dizer — disse Lima Godói — é que, a se confirmarem esses indícios, ficaremos satisfeitos. Mas é difícil dizer que há uma tendência de crescimento na indústria com base num período tão curto. Pode ser um caso meramente episódico, porque as regras da política econômica que estão em vigor são declaradamente recessivas.

No Rio Grande do Sul, os únicos setores que vêm apresentando crescimento positivo na indústria são o coureiro-calçadista e o de máquinas agrícolas, embora o dado possa ser velho: os últimos "indicadores industriais" da Fiesp foram concluídos no final de dezembro, e os próximos só serão conhecidos amanhã.

O setor de calçados enfrenta problemas por escassez de matéria-prima e queda de preços no mercado internacional, e o de máquinas e implementos agrícolas apenas está saindo de uma crise seríssima que teve seu clímax justamente no ano passado. "Os mais otimistas estão esperando para este ano um crescimento igual a zero para o Produto Interno Bruto (Pib). O que se quer é que não haja um decréscimo, porque o equilíbrio social está chegando aos seus limites. É uma coisa muito difusa, mas, mesmo assim, dá para sentir que esses limites não estão muito distantes."

César Rogério Valente não tem dúvidas: "Não está havendo uma recuperação econômica. Acho que esse índice de janeiro apenas reflete um soerguimento muito pequeno de alguns setores da economia, mas está relativamente muito abaixo das necessidades do processo econômico brasileiro. Não vejo razões de política econômica para a retomada do crescimento. Pelo contrário, todas as diretrizes são recessivas. A economia está travada por uma política econômica errônea e injusta, e, enquanto não houver uma mudança nessa política, a recessão vai continuar".

Valente alertou ainda que ninguém deverá ficar surpreso se, a partir de agora, houver um pequeno crescimento econômico também no Rio Grande do Sul. Segundo ele, isto acontece todos os anos por esta época, mas é consequência, nada mais, nada menos, da injeção de recursos gerados pela comercialização das safras agrícolas, de importância fundamental para toda a economia do Estado.

## **Mais empregos**

O presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), Pedro Eberhardt, afirmou ontem que o setor de autopeças deverá fechar esse primeiro trimestre com cerca de quatro mil empregados a mais em relação a dezembro do ano passado. "O setor de autopeças está em recuperação desde janeiro, basicamente devido às exportações, diretas e indiretas, à maior produção de caminhões e tratores e também pelo crescimento do mercado de reposição."

Por sua vez, Périco Luiz Pastre, diretor da Valmet do Brasil, observou que o setor de tratores está vendendo mais em relação ao ano passado, mas lembrou que em 1983 o setor havia chegado "ao fim do abismo". As projeções, segundo ele, indicam a venda de 30 mil tratores este ano no mercado interno e mais cinco mil unidades para exportação. "Mas, ainda que esse número seja alcançado, o setor terá trabalhado com uma ociosidade de 65%."

Também Waldey Sanchez, diretor da Massey Ferguson-Perkins, frisa que o aumento percentual do número de tratores vendidos está sendo calculado sobre um ano extremamente ruim.

— Para que essa reativação se cristalize é preciso garantir preços justos ao agricultor e financiamentos para assegurar o próximo plantio.

Até o momento, o financiamento para comercialização da safra não está definido e os agricultores estão utilizando o crédito direto ao consumidor, uma linha cara de financiamento, para comprar implementos agrícolas.

Cláudio Rubens Pereira, diretor da Associação Nacional das Pequenas e Médias Empresas Industriais (Anapemei), adverte igualmente que é preciso atentar para o fato de que os dados divulgados pela Fiesp espelem uma comparação com meses extremamente fracos. "Em janeiro e fevereiro de 1983 houve uma grande queda na atividade industrial." Somente quando ocorrer uma estabilização dos preços poderá ocorrer uma reativação. "Desde que esta estabilização gere mais consumo."